

**ETARISMO E RELAÇÕES DE GÊNERO NA
CONTEMPORANEIDADE: MULHERES PLURAIS E O DIREITO
DE 'ENVELHESER'**

Raphaela Isadora Assunção Fernandes Neves
Assistente Social, esp. Gerontologia e cursado esp. em Arteterapia.

Fevereiro, 2022

Precisamos refletir o etarismo em sua totalidade, porém se aprofundando na discussão de gênero, especificamente do feminino e compreendendo também as estruturas do patriarcado, e do feminismo em nossa sociedade; uma vez que, apesar de todos os gêneros sofrerem preconceitos comuns ao envelhecerem fisiologicamente falando, observam-se diferentes tratativas quando falamos de mulheres, explicitando a não equidade quando elas aparecem predominantemente desempenhando os seguintes papéis sociais e vivenciando situações, tais como:

- Cuidadoras do outro em esferas diversas;
- Com históricos de abandono de parceiro por ter envelhecido, por ter sido preterida por uma mulher mais jovem;
- Viúvas sem se sentir à vontade de ter outro relacionamento pois o julgamento é naturalizado;
- Com a pressão social de ter que usar o cabelo tingido para não ser considerada “desleixada” caso assuma os fios grisalhos;
- Ter de se depilar para não ser considerada uma pessoa sem asseio;
- Vigilância constante das suas vestimentas – predominantemente espera-se na sociedade que as mesmas sempre indumentárias “de idosa”, para evitar ainda outros estereótipos negativos que lhe podem ser facilmente atribuídos, uma vez que grande parte das mulheres hoje idosas tiveram uma criação altamente punitiva, para um comportamento submisso, sem decisões próprias.

Para compreensão do parágrafo acima, seus exemplos ilustrados, e dos próximos, carecemos de uma visita rápida na construção de uma sociedade patriarcal que vivemos - historicamente falando, - e como tudo começou e reverbera até os dias atuais nas tratativas, relações de gênero e não somente nas relações afetivas; já que o patriarcado consiste em um sistema social que é engendrado em uma cultura, relações e estruturas diversas que em sua maioria favorece homens, especialmente o cisgênero e heterossexual; ou seja baseado na desigualdade entre gênero. Ainda que tenhamos exceções, estas são predominâncias.

Para compreensão de nosso presente com suas dinâmicas, fazer planejamento de mudanças futuras, é de extrema relevância revisitar o passado, ter entendimento da totalidade deste para o desenvolvimento de estratégias para vivenciar o futuro em busca de igualdade, pois, tudo que é estrutural e secular é impossível desconstruir em décadas.

Podemos também elucidar de maneira um pouco mais aprofundada as disparidades do olhar da sociedade sobre a questão na esfera dos relacionamentos afetivos; pois veja: uma mulher nascida até os anos 50/60, que apesar de toda repressão/castração sofrida ao longo da sua vida, mas que vive livre e plenamente sua sexualidade, ou ousa se relacionar com homens mais jovens por muitas vezes acaba sendo julgada, enquanto um homem (idoso ou não) quando visto com uma mulher mais jovem é compreendido, quase ovacionado por isso, pois há uma fetichização de que o homem mais velho é capaz de ensinar tudo à uma jovem inocente – fruto também de ideários machistas, forjados pelo sistema patriarcal o qual estamos todos inseridos. A pesquisadora especialista em envelhecimento Gisela Castro pondera em uma entrevista à Revista Marie Claire em 2020 que é uma armadilha cairmos no modelo de que o “velho certo” é o “velho juvenil” e a pressão de uma “juventude eterna” às mulheres, que se tornam socialmente mais velhas muito cedo, bem antes dos homens, o que já sabemos que não é uma verdade, ainda que tenhamos peculiaridades fisiológicas no processo de envelhecimento.

Devemos todos considerar pensar sobre o porquê de o fato de uma mulher se relacionando com um homem mais jovem, sua vestimenta, seu corpo, seu envelhecimento e mudanças no corpo (inerente a todos que envelhecem), é rotineiramente observado, apontado, com indicações de vários lados para que sejam feitas “correções”, rejuvenescimentos diversos, seus atos/escolhas serem alvo de uma vigilância social quase que naturalizada por muitos; e, em contrapartida homens num mesmo processo, se fizermos um comparativo são considerados grisalhos charmosos, únicos detentores de um embelezamento, ou até mesmo sabedoria que a maturidade traz?

O ponto a se refletir são os porquês destas diferenças serem normalizadas e o ato de uma mulher escolher viver com seus traços, rugas, cabelos brancos ter se tornado um verdadeiro ato de resistência hoje.

A normalização da vigilância, controle e conseqüente desumanização sistemática de corpos femininos supracitada necessita urgente e constantemente ser pensada, conversada e debatida com todas as faixas etárias, pois é fomentando o pensamento crítico construtivo acerca desta temática - estrutural - que possibilitamos a desconstrução e libertação reais.

Jamais objetivando ditar o que deve ser feito, mas para que, independentemente de sua escolha, a mulher possa exercitar esta crítica, ponderando assim se suas escolhas são oriundas de anseios próprios de fato ou induzidas pelos múltiplos estímulos visuais impostos socialmente como por exemplo a “pressão de jamais envelhecer” ou “tudo bem envelhecer, mas envelheça sem parecer”, disfarçado de “autocuidado”, e até como incentivo para construção de autoestima. Não é sobre estética não ser um feito que corrobore com a construção da autoestima, mas sobre que contexto a mesma se insere neste papel socialmente falando e o quão pode representar mais um mecanismo de controle sobre mulheres.

Além das reflexões já propostas e induzidas acima, também não podemos deixar de citar neste artigo brevemente o recorte de raça – que de fato merece aprofundamento sistemático –, onde temos dados contundentes em diversas pesquisas, publicações e produção de conhecimento no que tange a real e desoladora solidão da mulher negra, que no processo de envelhecimento não deixam de ser uma expressiva maioria, principalmente se forem mulheres pobres. Um estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o último Censo datado de 2010 divulgou que 52,52% das mulheres negras que participaram do levantamento não viviam numa reunião estável, e não era por escolha própria.

Afinal de contas, devemos levar em consideração que vivemos em uma sociedade desigual e hierárquica, o que faz com que tornem mais complexos o desenvolvimento humano e relações de determinados grupos que são extremamente vilipendiados por uma estrutura que gera opressões diversas para estes.

A filósofa existencialista francesa Simone de Beauvoir, em sua obra “A Velhice” (1970) traz experiências próprias sobre o processo de envelhecimento, o qual o termo “velho/a” socialmente é ouvido e compreendido de maneira negativa, como ofensa, um insulto, comum a todos os gêneros. A autora aponta também de maneira contundente e certa sobre a negação da velhice, já que a imagem ideal ser pensada somente sob a perspectiva da juventude, de um corpo jovem, atrapalha que vivenciemos nossas peculiaridades inerentes ao mesmo; entendendo que nossas marcas refletem nossa história e somos pessoas plurais; além do fato incontestável de que iniciamos o envelhecimento a partir do momento que nascemos.

Logo, conclui-se que ninguém pode pré-determinar a faixa etária mais propícia para novas experiências, desafios, aprendizados, para testar um novo estilo de roupas, corte de cabelo, maquiagem; ou até mesmo como já foi explicitado anteriormente, ter o direito de não fazer nenhum tratamento estético e deixar seus grisalhos existirem e resistirem sem sofrerem pressões diversas subliminares ou escancaradas sobre si.

Seria incoerente apontar na conclusão deste texto que não tivemos nenhuma caminhada, no último século. Sim, tivemos avanços inegáveis nas relações de gênero, conquistas das mulheres, mas ainda assim, precisamos estar sempre atentas e vigilantes a todas as armadilhas – até mesmo sobre o que nos é atribuído para performar feminilidade – de se viver em uma sociedade capitalista, machista e patriarcal que tenta de maneira impositiva ditar que ao envelhecer e sair da idade reprodutiva/laboral perdemos a vitalidade, o famoso “elixir da juventude”.

Precisamos enxergar belezas (sim, no plural, estéticas e as subjetivas) na velhice, educando nosso olhar para essa desconstrução, deixando de achá-la apenas como um fardo incapacitante, como pejorativa, ofensiva e com predicados negativos apenas.

Precisamos, antes de toda essa nova programação mental e consciência crítica, conseguir de fato envelhecer em paz, sem o sentimento constante de descarte iminente, inutilidade, abandono, medo dos diversos preconceitos frutos do ageísmo/etarismo. E o conhecimento sobre feminismo, a busca, o estudo e aplicabilidade na atuação profissional incessante sobre equidade de gênero através de estratégias multiprofissionais com públicos de grupos intergeracionais direcionados principalmente às classes sociais mais pobres, pode ser um grande ponto de partida para todos como estratégia de mudança de uma estrutura que oprime, já que o envelhecimento acontece o tempo inteiro, acontecerá para todos e não é doença como a própria OMS já reconheceu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

BERTH, J., Colunista, Revista Elle, em 30/11/2021 <URL>
<https://elle.com.br/colunistas/etarismo-e-racismo>

BORGES, L., colaboração para Revista Marie Claire, 29/10/2020 – 13:37.
Atualizado em 05/11/2020 – 18:48 <URL>
<https://revistamarieclaire.globo.com/idade-semtabu/noticia/2020/10/vivemos- numa-sociedade-jovencentrica-diz-gisela-castroespecialista- em- longevidade.html>

Redação Hypheness - 22/11/2021 - <URL>
<https://www.hypheness.com.br/2021/11/cabelos-brancos-sao-politicos-e- chamam-atencao-para-o-etarismo-e-o-sexismo/>

WOLF, N. **O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.